



MARC GARANGER/CORBIS/ALTIMOSTOCK

Um mar de problemas

GEOPOLÍTICA | O interesse das grandes potências na Ásia Central reacende uma histórica disputa pela região que é estratégica em riquezas energéticas no Mar Cáspio

POR EDILSON ADÃO, MESTRE EM GEOGRAFIA HUMANA PELA USP. PROFESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA FACULDADE ESAMC E DE GEOPOLÍTICA DO OBJETIVO DE SANTOS E DE SOROCABA

Com o desmoronamento da União Soviética, em dezembro de 1991, as ex-repúblicas da porção meridional da antiga potência passaram a formar um novo conjunto geopolítico designado Ásia Central. Órfã de uma potência hegemônica a partir daí, a região está sob a investida dos Estados Unidos, país que está sendo observado de perto pela Rússia. A região é estratégica: representa um corredor de acesso às riquezas energéticas do Mar Cáspio. Contudo, o quadro natural é hostil: o relevo acidentado é circundado por um cinturão montanhoso e suas estepes áridas. Além das principais potências interessadas na região (Estados Unidos, Rússia, China e Europa), Índia, Paquistão, Irã e Turquia também rondam o lugar, cuja importância vem sendo enaltecida, sobretudo devido à

EUA, Rússia, China, Europa, Índia, Paquistão, Irã e Turquia têm interesses na Ásia Central

Cáspio. *O mar é peça fundamental na nova fase de busca por gás e petróleo*

demanda energética mundial e ao fato de ser o Mar Cáspio peça fundamental na nova fase da busca por gás e petróleo. Especula-se que suas reservas possam até ser mais abundantes que as do Golfo Pérsico, o que ainda não foi de todo confirmado.

PONTOS DE VISTA

O interesse na Ásia Central contemporânea resgata um novo “grande jogo geopolítico,” expressão cunhada por Rudyard Kipling, para designar a disputa entre os impérios britânico e russo pela região durante o século XIX, reformulando, assim, as teses de Halford Mackinder e Nicholas Spykman, dois clássicos da geopolítica. Para Mackinder, que escreveu sob a influência do “grande jogo”, a região que compreende o coração euroasiático formava o *heartland*, o centro geopolítico mundial, numa clara apologia àquilo que definiu como “poder terrestre”



ALEXANDER NEMENOV/AFP

CORAÇÃO EURASIÁTICO



FONTE: ELABORADO POR EDILSON ADÃO

em detrimento do “poder oceânico”. Quem controlasse o coração euroasiático, controlaria a “ilha mundo” e dominaria o planeta.

Sob a ótica e o interesse norte-americanos, Spykman questionou a supremacia do *heartland* mackinderiano, afirmando que as zonas periféricas às continentais é que detinham o real poder de contenção e força estratégica. Ele denominou essa linha que circundava a Eurásia como *rimland*, um cordão que se estende desde o Báltico europeu, passando pelo Mediterrâneo, Índico e o Pacífico asiático. Esse cinturão cercaria o *heartland* e o manteria sob seu controle, numa clara política de cercamento da então potência soviética no jogo ideológico do pós-guerra.

COMBATE AO TERROR

A Ásia Central é formada por Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão e Turcomenistão. Periféricamente, alcança ainda o Afeganistão, ao sul, e as bordas do

Cáucaso, a oeste. Se tomarmos qualquer mapa anterior a 1991 (ano da desintegração soviética), veremos que a região – e também a zona caspiana-caucasiana – estava dentro dos limites da União Soviética. O Afeganistão situa-se fora dos antigos limites soviéticos, embora os comunistas o tenham invadido em 1979.

Nenhum dos cinco países da Ásia Central tem acesso ao oceano, uma vez que o Cáspio é um mar fechado. A população é escassa e apresenta forte influência turco-persa. Os impérios mongol, otomano, persa e russo dominaram a região em períodos distintos e fincaram raízes na religião e na cultura islâmica.

Com a ordem do Pós-Primeira Guerra Mundial e os eventos da Revolução Russa de 1917, que levariam à criação da União Soviética em 1922, esse telhado asiático caiu sob domínio da jovem potência socialista. No entanto, o esfacelamento da URSS abriu um

Exumados.

Na guerra russa contra o terrorismo, o massacre de civis na Chechênia

reordenamento geográfico e geopolítico na região centro-asiático. Os russos assistiram incomodados à

aproximação norte-americana junto às suas fronteiras meridionais.

No entanto, após o atentado de 11 de setembro e a declaração de “guerra ao terror” promovida pelo governo Bush, os russos optaram por uma aproximação consentida dos norte-americanos aos arredores de seus domínios. Tal consentimento é fruto do interesse comum entre russos e americanos: a ameaça do terror islâmico.

A Rússia aceitou a investida norte-americana em troca de apoio à sua homônima política de “combate ao terror” checheno, fato mais urgente à Moscou. Assim, como os Estados Unidos são o alvo número 1 do terror islâmico, a Rússia se vê às voltas com grupos fundamentalistas que lhe causam transtornos na Chechênia, Daguestão, Inguchétia, entre outras áreas russas.

A China também faz coro ao combate ao terror e assiste à penetração de grupos ligados à Al-Qaeda no Sinkiang, área ao noroeste chinês ocupada por separatistas uigures de religião muçulmana e que não se sentem chineses. É exatamente nessa região chinesa que está o caminho de acesso à Ásia Central. Como vemos, as três potências têm um inimigo comum.

Para a Guerra do Afeganistão, em 2001, os Estados Unidos elaboraram ampla estratégia para desferir os ataques ao Taleban e à Al-Qaeda. Estabeleceram uma base militar no Uzbequistão, utilizaram a aliada Turquia como ponte e, após derrotar o regime do Afeganistão, entregaram o poder ao líder aliado Hamid Karzai, atual presidente do país. Desta feita, posicionaram-se favoravelmente formando um arco geoestratégico apontado para o leste e o norte, onde se encontram a China e Rússia, “concorrentes” à hegemonia regional, que não aceitarão passivamente a hegemonia norte-americana na zona caspiana.

A reação já começou: uma aliança sino-russa fundou um consórcio político denominado inicialmente como Xangai Five: Rússia, China, Tadjiquistão, Quirguistão e o Cazaquistão. Com a entrada do Uzbequistão, passou a ser denominado de Organização de Cooperação de Xangai. O principal objetivo é uma agenda de segurança para a região, uma clara menção aos Estados Unidos. O grupo tem pressionado o recém-ingresso Uzbequistão a se afastar dos Estados Unidos, país com quem estreitou relações



URIEL SINAI/GETTY IMAGES

desde a Guerra do Afeganistão. Em relação ao Quirguistão já obtiveram êxito: no início de 2009, o governo quirguiz deu uma “ordem de despejo” aos Estados Unidos, exigindo que as tropas norte-americanas se retirem do país. O gesto foi visto como uma vitória russa na nova geografia política local.

DISPUTA REGIONAL

Irã, Turquia, Uzbequistão, Paquistão e Índia têm pretensões regionais e brigam por mais espaço na bacia do Cáspio. Entre essas potências médias, há rivalidades históricas.

Turquia e Irã são quase inimigos – uma herança mal resolvida do período de intermináveis guerras entre os impérios otomano (turco) e persa (iraniano). Ao longo dos séculos XVIII e XIX, as duas potências se auto-destruíram, o que facilitou a ação do colonialismo britânico na região. Acrescente-se a isso a rivalidade entre turcos sunitas e iranianos xiitas. Índia e Paquistão já travaram três guerras no século XX pela Caxemira.

O Uzbequistão busca uma política de autonomia em relação à Rússia e de aproximação com os Estados Unidos. A pressão do Movimento Islâmico por um regime teocrático empurrou o país para o Xangai Five.

Esse emaranhado de interesses junto à Ásia Central faz do território um novo foco de destaque internacional. A situação poderá se complicar se os conflitos locais se imbricarem ou provocarem desentendimentos entre as potências. ●

Religião e cultura. *Milhares de muçulmanos fincaram raízes na região da Ásia Central*